

**O B J E T I V O S**

O curso pretende analisar as complexas relações entre técnica, ciência e filosofia a partir de distintos contextos histórico-conceituais (antigo, moderno e contemporâneo). Realizaremos uma análise temática, panorâmica e problematizadora que confronte e relacione outros textos e distintas posições filosóficas. A **Unidade 1** examina as origens gregas da questão, discutindo distintas interpretações do mito que narra o furto e o oferecimento do fogo divino aos homens por Prometeu (em Hesíodo, Êsquilo e no diálogo *Protágoras* de Platão), tendo em vista compreender de que modo a intervenção de Prometeu fez surgir a “raça dos mortais”, diferenciando homens e deuses e instaurando a dimensão técnica da existência humana. Veremos que o conceito clássico de *episteme* (*vida contemplativa*) foi elaborado por Platão e Aristóteles a partir da diferenciação e da confrontação entre a dimensão puramente intelectual, desinteressada e contemplativa do conhecimento teórico e as *téchnai* em seu conjunto, ou seja, o saber prático-produtivo (*téchne*) que guia e acompanha os engajamentos ativos dos homens com o mundo comum e humano. Analisaremos de que forma a relação entre ciência e técnica no pensamento filosófico clássico pressupunha a superioridade do conhecer sobre o fazer, ou seja, da contemplação teórica sobre as obras e à operação da técnica. Sendo um empreendimento ocioso e contemplativo, a ciência estaria sempre desvinculada da técnica. O saber técnico é um meio para alcançar fins diferentes dele, ao passo que a ciência teórica e demonstrativa é uma racionalidade superior por ter seu fim em si própria, sendo o acolhimento intelectual de uma realidade dada e nunca fabricada ou passível de intervenção humana. Essa recuperação das origens gregas da questão será importante para a compreensão do modo como o surgimento da técnica moderna está vinculado à profunda alteração no modelo antigo de ciência e sua relação com a técnica, transformando radicalmente a própria ontologia grega e o conceito antigo de natureza. Na **Unidade 2**, analisaremos a contraposição entre Bacon e Koyré no tocante ao papel da *teoria* e da *técnica* na revolução científica moderna. Em seguida, veremos de que modo a revolução científica acarretou uma crise da razão em função da perda de todo apoio que conferia confiança e garantias de uma verdade dada, evidente por si mesma, transcendente e acolhida pela experiência ordinária, pela contemplação ou por revelação. O homem moderno, desse modo, foi afetado por um desespero em relação à possibilidade do conhecimento humano, que só parecia adequado quando confrontado com objetos produzidos pelo homem ou passíveis de intervenção humana. Por isso, desde Descartes, a metafísica moderna passou a apostar na possibilidade de conhecer ao menos o que o próprio homem é capaz de fazer ou produzir como sujeito ou suporte (*subjectum*) estruturador e organizador da experiência de objetos. A atribuição do caráter de sujeito ao homem forneceu os meios racionais de sua emancipação em relação às forças da natureza e aos dogmas estabelecidos por instâncias de autoridade alheias ao domínio da pura razão. Do antigo ao moderno se dá a passagem do primado da ordem do ser transcendente a ser contemplada à primazia de um sujeito livre que se situa perante o real na posição de “mestre e senhor” da natureza. O vínculo entre cognição e produção secularizou a verdade e o conhecimento, pois o que pode ser conhecido passa a ser constituído pelo sujeito que se põe a conhecê-lo. A História seria o processo coerente, unificado e acelerado da humanidade em direção ao futuro utópico e à emancipação racional do homem como um ser livre, ativo, autônomo e criador. Todavia, na **Unidade 3**, veremos que foi se diluindo, ao longo da modernidade, a cumplicidade iluminista entre progresso e emancipação ético-política, ou seja, entre desenvolvimento técnico-científico e maioridade racional. Foi a prevalência dos meios ou da mera instrumentalidade que nos colocou hoje em face de uma dissolução total da distinção entre meios e fins, tornando a racionalidade tecnológica uma força cega que desencadeia não apenas a degradação da biosfera e o aperfeiçoamento da indústria bélica nas guerras e conflitos, mas um processo de desconexão entre a capacidade do homem moderno de se reconhecer como sujeito de suas ações e o próprio teor humano dos fins a serem buscados com o progresso tecnológico. Veremos como o moderno otimismo iluminista desembocou na moderna sociedade científico-industrial, emergindo o contexto de crise da metafísica (Marx e Nietzsche), de autonomização das ciências (Comte), de acelerada inovação técnica, de surgimento do Estado tecnocrático, com a ascensão do “animal laborans” e a socialização do trabalho e do consumo (Arendt). Discutiremos a crise da perspectiva internalista e logicista da *Filosofia da Ciência* e a ascensão da *tecnociência* (convergência entre ciência, tecnologia e sociedade) no mundo contemporâneo. Veremos que, se a “Filosofia da Ciência”, com sua imagem tradicional da racionalidade científica como representação teórica da realidade, não permite uma compreensão adequada da produção científica atual, no qual conhecer é operacionalizar, controlar, funcionalizar, manipular, intervir, modificar e fabricar aquilo que se conhece, a própria perspectiva tradicional (instrumental e antropológica) da “Filosofia da Técnica” também se revela insuficiente para uma reflexão crítica que ilumine a atual hibridação entre técnica e ciência. A ciência não seria uma teoria pura, autônoma e neutra que pode ser aproveitada para realizar tecnologia, pois já não se busca o conhecimento pelo conhecimento, e sim o conhecimento com vistas a aumentar nosso poder de controle, intervenção e manipulação da natureza e da sociedade. E a técnica moderna não seria apenas uma ciência aplicada, pois estaria convergindo com o conhecimento científico e determinando sua produção. Assim, todos os pilares que sustentavam a modernidade técnico-científica perdem sua legitimidade, pois sua imagem outrora puramente racional, neutra e desinteressada se destruíram, levando o prometeísmo à decadência e inaugurando outra vertente tecnocientífica: a vertente fáustica (Spengler, Heidegger, Jonas, Arendt, Marcuse, etc.), pela qual se diagnostica o quanto se diluiu o limite diferencial que tradicionalmente distinguiu os campos da ciência e da técnica, reivindicando da reflexão filosófica uma renovação dos significados tradicionais bem como uma avaliação crítica dos riscos, das novas possibilidades, das transformações ontológicas e das implicações ético-políticas do desenvolvimento tecnocientífico.

**C O N T E Ú D O \***

**Unidade 1: As origens gregas da questão:** o mito de Prometeu e o estatuto do conhecimento humano (*episteme-téchne*) em Hesíodo e Êsquilo; os sofistas e as *téchnai* na *pólis* democrática, a distinção entre *poiesis* (produção) e *práxis* (ação) e a oposição entre *physis* (natureza) e *nomos* (artifício humano); a transformação metafísica da ação em uma modalidade de fabricação e o estatuto da ciência (*episteme*) e da técnica (*téchne*) em Platão e Aristóteles: a submissão do *fazer* ao *conhecer* e a superioridade ontológica da *scholé* inerente à *vida contemplativa* ou ao *bios theoretikos*.

**Unidade 2: A moderna inversão hierárquica entre ciência e técnica:** Bacon e a moderna “ciência operativa” como promoção da técnica; a crítica de Koyré à tradição baconiana e o papel determinante da *teoria* na revolução científica moderna; Arendt e os fundamentos da modernidade tecnocientífica: a fusão entre *conhecer* e *fazer*, a atribuição do caráter de sujeito ao homem, a “vitória do *Homo Faber*”, a

conversão da natureza e da história em *processo*, o entusiasmo iluminista e emancipacionista com o “progresso”; o advento da sociedade científico-industrial no século XIX: o fim da tradição metafísica e a crise da modernidade (Comte, Marx e Nietzsche), a ascensão do “*animal laborans*”, a alienação do mundo comum e humano, a conversão da política em tecnocracia e a socialização do trabalho e do consumo.

**Unidade 3: “Filosofia da Ciência”, “Filosofia da Técnica” e o advento da “Tecnociência”:** a matriz logicista e internalista da “Filosofia da Ciência” e a crítica pós-positivista (Kuhn e Feyerabend); a orientação antropológica e instrumental da “Filosofia da Técnica” e a contraposição humanista e ontológica; de *Prometeu a Fausto*: o advento da *tecnociência* (convergência integral entre cognição e produção) e os diagnósticos críticos sobre a crise e o esgotamento da modernidade tecnocientífica (Spengler, Heidegger, Arendt, Marcuse e Jonas).

\* O conteúdo pode sofrer alterações ao longo do semestre.

## METODOLOGIA

Análise conceitual, discussão, leitura crítica e exposições dialogadas de textos, estimulando a participação de todos e abrindo a possibilidade para que um ou mais alunos possam se organizar para uma breve apresentação de sua compreensão do texto, uma síntese conceitual dos aspectos essenciais de cada texto, situando-os no propósito do curso, dialogando com o professor e com a turma, explicitando e registrando as ideias principais e a estrutura argumentativa dos textos, as dificuldades e as dúvidas em geral. A interação participativa durante as aulas aprimora a capacidade de análise de textos e conceitos, destacando o grau de responsabilidade de cada um por sua própria aprendizagem. Nossa proposta metodológica consiste em abolir os solilóquios grandiloquentes e estimular exposições dialogadas, coletivamente construídas, contando com a participação dos alunos nas leituras comentadas sobre os textos, os problemas por eles suscitados e as posições filosóficas apresentadas. Serão utilizados textos e trechos relevantes para a formulação e a compreensão dos temas, problemas e posicionamentos teóricos programados, com o auxílio de bibliografia complementar e textos didáticos fornecidos pelo professor. A participação em atividades durante as aulas será estimulada sob a forma da retomada dos pontos principais da aula anterior e apresentação de uma síntese de um texto ou um tópico programado. Tal síntese consiste na exposição concisa da compreensão de um texto ou uma parte de um texto do curso, buscando promover o diálogo com o professor e com a turma, explicitando e registrando elementos como: a estrutura dos argumentos apresentados no texto, as partes difíceis do texto lido e dúvidas. Trata-se, portanto, de uma conversa ou uma interação. O professor estará sempre disponível para o agendamento de horário extra para tratar de dificuldades e dúvidas ao longo do curso.

## AValiação

Frequência de 80% do curso (atestados médicos e declarações de qualquer tipo podem servir como justificativa, mas não abonam automaticamente e necessariamente as faltas). Duas avaliações escritas ou com uma parte escrita e outra parte em atividades de participação nas aulas. Aprovação direta: média aritmética das duas avaliações igual ou superior a 7,0. A média aritmética igual ou superior a 4,0 e inferior a 7,0 permite a realização de uma Prova Final, com aprovação em caso de média igual ou superior a 5,0. A segunda chamada será realizada até 8 (oito) dias após a realização da prova, desde que seja apresentada aceitável e comprovada justificativa, com requerimento dentro de 48 (quarenta e oito) horas após a falta (Cf. Regimento Geral da UNIRIO, Art. 95, parágrafo 5º).

## CRONOGRAMA \*

<p>15/08/2017: Apresentação do programa e da organização geral da disciplina;                  22/08/2017: Evento do CA de Filosofia;                  29/08/2017: Unidade 1;                  05/09/2017: Unidade 1;                  12/09/2017: Unidade 1;                  19/09/2017: Unidade 1;                  26/09/2017: Unidade 2;                  03/10/2017: Unidade 2;                  10/10/2017: Unidade 2;</p>	<p>17/10/2017: 1ª avaliação;                  24/10/2017: Afastamento para ANPOF;                  31/10/2017: Unidade 3;                  07/11/2017: Unidade 3;                  14/11/2017: Unidade 3;                  21/11/2017: Unidade 3;                  28/11/2017: Unidade 3;                  05/12/2017: 2ª avaliação;                  12/12/2017: Prova Final.</p> <p>* O cronograma pode sofrer alterações ao longo do semestre.</p>
---	---

## BIBLIOGRAFIA

- ARENDR, H. *A condição humana*. Trad. de R. Raposo. Revisão técnica A. Correia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1985.
- CULPANI, A. *Filosofia da Tecnologia: um convite*. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- HEIDEGGER, M. “A questão da técnica”. Em: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HOTTOIS, Gilbert. “Da filosofia das ciências à filosofia das técnicas”. Em: *Revista Tempo Brasileiro*, jan -mar, nº 168, 2007. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- \_\_\_\_\_. “Filosofia da técnica e da tecnociências”. In: *Do Renascimento à Pós-modernidade: uma história da filosofia moderna e contemporânea*. Aparecida, SP: Ideias&Letras, 2008.
- JONAS, H. *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- KOYRÉ, A. *Estudos de História do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- LINARES, J. Enrique. *Ética y Mundo tecnológico*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- MARCUSE, H. *O Homem Unidimensional*. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- \_\_\_\_\_. “A responsabilidade da ciência”. In: *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 159-64, 2009.
- MITCHAM, Carl. *Qué es la filosofía de la tecnología*. Barcelona: Anthropos, 1989.
- OLIVEIRA, Bernardo J. *Francis Bacon e a Fundamentação da Ciência como Tecnologia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- PLATÃO. *Protágoras, Górgias, Fedão*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 2ª ed. Belém: EDUFPA, 2002.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.